

A Construção do Livro-reportagem à luz do jornalismo literário¹

Thaís Luciana Corrêa BRAGA²
Antonio Carlos Pimentel PINTO JUNIOR³
Universidade da Amazônia, Belém, PA

RESUMO

Jornalismo não é literatura. Jornalismo caracteriza-se pela produção e circulação de textos que noticiam fatos sociais. Veracidade é o elemento principal do texto jornalístico, assim como precisão, objetividade e atualidade. Já literatura trabalha com a verossimilhança. Textos literários são construídos por meio de palavras polissêmicas e metáforas. Da hibridação entre as duas formas de expressão, no entanto, o jornalismo literário. O gênero utiliza marcas do romance, a exemplo da caracterização de personagens e recriação de cenários e diálogo, para aprofundar um acontecimento real. O livro-reportagem é o veículo em que uma reportagem, aos moldes do jornalismo literário, pode ser apresentada. Nesta pesquisa, propomos a construção de um livro-reportagem sobre Oziel Alves Pereira, um dos dezenove trabalhadores sem-terra mortos no massacre de Eldorado dos Carajás, em 1996.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo literário; livro-reportagem; Oziel Alves Pereira.

1 INTRODUÇÃO

O senso comum afirma que jornalismo é uma literatura feita às pressas. Ou que jornalismo é uma literatura inferior. A presente pesquisa mostra que as duas formas de expressão possuem características basilares e, portanto, não podem ser confundidas. Segundo conceitua Marques de Melo (2007, p. 7), jornalismo é um processo social universal de raízes europeias, articulado a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/empresas) e coletividades (públicos receptores), por meio de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema/internet) que garantem a transmissão de informações (atuais) com base em interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos). Já *Literatura é a expressão dos conteúdos da ficção ou da imaginação, por meio de palavras polivalentes, ou metáforas* (MOISÉS, 1995, p. 314) [grifo do autor].

Todavia, a fusão entre ambos produz o jornalismo literário – que, embora utilize técnicas literárias na produção na narrativa, não se encaixa na definição de literatura; assim

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

² Aluna líder do grupo e graduada em Comunicação Social – Jornalismo, e-mail: bragathais@globo.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social – Jornalismo na Universidade da Amazônia, email: tonga.carlos@gmail.com.

como também foge aos padrões tradicionais de produção de notícias jornalísticas, principalmente as *hard news*.⁴ A ideia de mistura afina-se com o princípio de hibridação, entendido por Canclini (2006, p. XIX) como processo sociocultural em que “*estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas*” [grifo do autor]. Canclini (2006, p. XIX) comenta, ainda, que as estruturas discretas não são fontes puras, pois foram resultados de hibridações. Logo, o jornalismo literário não é simples fusão do texto jornalístico com o texto artístico, sobretudo porque ambas as tessituras sofreram mutações ao longo do tempo, mas sim é um “terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose” (PENA, 2006, p. 21).

As propriedades fundamentais do jornalismo literário são definidas pelo que Pena (2006, p. 13) chama de estrela de sete pontas.

Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir profundidade e perenidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p. 13) [grifo do autor].⁵

A formalização do gênero data da década de 1970, nos Estados Unidos, com o manifesto escrito por Tom Wolfe. Mas há indícios de produções jornalístico-literárias anteriores ao período, inclusive no Brasil, com a obra *Os sertões* de Euclides da Cunha. De início, as grandes reportagens construídas sob as técnicas do jornalismo literário eram publicadas nos jornais impressos. Hoje, os textos já podem ser previamente concebidos para a forma de livro-reportagem – as editoras brasileiras, aliás, têm incentivado, cada vez mais, a produção da reportagem em livro tanto de autores nacionais, quanto traduzindo obras clássicas.⁶ Títulos como *A sangue frio*, de Truman Capote, e *Hiroshima*, de John Hersey, tornaram-se referências mundiais do gênero. No Brasil, temos expoentes como Zuenir Ventura, com *Crime e castigo*; Caco Barcellos, com *Abusado e Rota 66*; Ruy Castro, com

⁴ Na tradução literal, *hard news* são notícias duras. Para Rabaça e Barbosa (2001, p. 360), tratam-se do noticiário de fatos relevantes, densos e complexos. “As *hot news*, notícias ‘quentes’, seriam aquelas que, sendo *hard news*, se reportam a acontecimentos muito recentes” (SOUSA, 1999).

⁵ O autor define *lead* como a fórmula objetiva que prega a necessidade do texto jornalístico responder às principais perguntas da reportagem (o quê?, quem?, onde?, quando? e por quê?) logo no primeiro parágrafo. Já definidores primários são os especialistas que sempre são procurados para dar explicações sobre os acontecimentos (PENA, 2006, p. 22).

⁶ Martinez (2009, p.1) aponta que só a editora Companhia das Letras, por exemplo, contava com uma coleção de treze livros-reportagem clássicos em abril de 2008.

Estrela Solitária; o paraense Luiz Maklouf de Carvalho, com *Contido a bala* e o recém-lançado *Cobras criadas*; entre outros. Em todos os casos, são jornalistas que se apropriam das técnicas de escrita do romance para contar uma história real. A particularidade brasileira reside, ainda, na maior produção de biografias.

Assim, a reportagem em livro é definida como instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico, conforme Belo (2006, p. 41). O autor defende que o livro-reportagem não substitui os demais meios de comunicação, posto que complementa a todos.

2 OBJETIVOS

GERAIS

- Identificar as técnicas literárias e as jornalísticas utilizadas na construção da reportagem em livro.

ESPECÍFICOS

- Diferenciar as características do texto jornalístico em relação ao texto literário;
- Reconhecer o processo de hibridismo cultural presente no jornalismo literário;
- Produzir um livro-reportagem-biografia sobre Oziel Alves Pereira.

3 JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento do webjornalismo alterou a forma de produzir informação pelas mídias tradicionais. Jornais, revistas, rádio e televisão passaram a buscar maneiras diferentes de transmitir notícias, uma vez que, pela internet, é possível ter “acesso ao fato no momento tão logo ele ocorre, e a notícia se constrói e reconstrói dinamicamente, sendo que as informações nela contidas podem ser acessas pelo mundo afora” (NOVAES, 2007, p. 17).

O jornalismo impresso foi quem mais sofreu danos com a proliferação das notícias por meio da rede mundial de computadores, já que os conteúdos de rádio e televisão se reconfiguraram ao webjornalismo a fim de conferir maior credibilidade e legitimação à notícia (CANAVILHAS, 2001, p. 5). A simples transposição do material impresso para a

internet, feita num primeiro momento pelas empresas jornalísticas, foi um erro para ambos os suportes técnicos. Ler exatamente o mesmo conteúdo do jornal impresso por meio da tela do computador era cansativo para o público. Como a venda dos exemplares impressos caía, porque as edições eram disponibilizadas *on-line*, as empresas se endividavam; para manter o negócio aberto, era necessário cortar funcionários e gastos. Estava estabelecida a crise do jornalismo impresso.⁷ Uma alternativa para a sobrevivência da informação impressa é a produção de um relato em profundidade, capaz de preencher lacunas deixadas pela imprensa cotidiana – tal como propõe o livro-reportagem.

Apresentar uma versão aprofundada acerca dos acontecimentos do massacre de Eldorado dos Carajás, centrada na vida de um trabalhador sem-terra morto, revela novos desdobramentos do caso. A versão oficial, construída com base nas alegações finais do Ministério Público do Estado, apresenta lacunas que ainda não foram preenchidas. Sobre Oziel, sabe-se apenas que foi executado em 17 de abril de 1996 com dois tiros, um na testa, outro na nuca. Sua história de vida – onde nasceu, como foi a infância, quem eram seus pais, que planos tinha – não aparece nos documentos públicos, tampouco nas notícias veiculadas nos jornais da época, quando o rapaz era valor-notícia⁸. É uma história recheada de fatos obscuros e, por vezes, mal apurados.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para produzir o livro-reportagem, utilizamos o método biográfico para resgatar a história de Oziel Alves Pereira. A técnica atém-se, total ou parcialmente, na construção de narrativas sobre a vida de indivíduos ou de grupos sociais com o objetivo de humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea (VILAS BOAS, 2003, p. 17). Para o autor, biografias são histórias de vida enriquecidas com técnicas procedentes da literatura. Trata-se da reconstrução minuciosa de

cenários, gesticulações, hábitos, maneiras, mobiliários, vestuário, decoração; estilos de viajar, comer, arrumar a casa; o modo de educar as crianças, tratar os empregados, os superiores; sem esquecer, claro, observações, poses, modos de caminhar e outros detalhes simbólicos que a cena ou a época possam conter (VILAS BOAS, 2002, p. 88).

⁷ Informações apresentadas no capítulo “Um pouco de história” de Belo (2006).

⁸ “O valor-notícia é o ouro da notícia”, enfatiza Jorge (2008, p. 27). Remete ao interesse e à importância do acontecimento. Segundo a autora, atualidade, proximidade e notoriedade são valores-notícias fundamentais, que puxam valores-notícias temáticos – sexo, poder, dinheiro, morte, mistério, entre outros.

O autor classifica as fontes de um biógrafo em primárias e secundárias. Documentos oficiais e não oficiais (certidão de nascimento, casamento e óbito; certificados escolares; atas de reuniões; discursos em assembleias e congressos; entre outros), correspondências (cartas e e-mails), *clippings*⁹, livros de memórias e autobiografias, testemunhos orais, questionários, fotos e diários enquadram-se no conceito de fontes primárias – pois são aquelas que “não dependem do filtro da memória humana no processo de investigação” (VILAS BOAS, 2002, p. 53).

Já as entrevistas com pessoas que conviveram de alguma forma com a personagem biografada são eminentemente fontes secundárias, uma vez que são fruto direto “do exercício da lembrança, ou seja, da remontagem do passado” (VILAS BOAS, 2002, p. 53). O autor alerta para o uso deste recurso, pois os entrevistados podem alterar suas falas de conforme necessidade ou conveniência.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Em viagem durante o mês de julho de 2011 para Marabá, no sudeste do Estado, foram realizadas pesquisas em campo. De lá, fizemos contatos com a família de Oziel – o irmão Antônio de Jesus Alves Pereira, 38 anos, que reside no distrito de Palmares, em Parauapebas; e os pais, Alderino Alves Pereira, 78 anos, e Luiza Alves de Freitas, 61 anos. Também procuramos as lideranças do assentamento 17 de abril, em Curionópolis, para entender por que a escola pública que funciona no local recebe o nome de Oziel, assim como para ouvir relatos dos moradores do assentamento que conviveram com ele. Destacamos os principais entrevistados: Ildimar Rodrigues, 39 anos, presidente da Associação de Produções e Comercializações dos Trabalhadores Rurais do Assentamento 17 de abril (ASPECTRA); bem como os moradores locais Haroldo de Jesus Oliveira, 33 anos; Laurindo Ferreira da Costa, 32 anos; e Natanael Limiro da Silva, 44 anos.

As principais dificuldades da investigação foram quanto ao acesso às fontes primárias. A vida de Oziel carece de documentação. Não há registros escolares sobre ele, tampouco a família mantém as certidões de nascimento e óbito. Em Marabá, procuramos o Instituto Médico-Legal (IML) para obter os laudos periciais que comprovassem as características de execução no corpo de Oziel, mas os documentos relativos ao caso não

⁹ “Serviço de apuração, coleção e fornecimento de recortes de jornais e revistas sobre determinado assunto, sobre as atividades de uma empresa ou instituição, sobre determinada pessoa etc.” (RABAÇA e BARBOSA, 2001, p. 141).

estão mais na cidade. Em Belém, conversamos com o promotor de justiça Marco Aurélio Nascimento, que atuou no julgamento dos policiais responsáveis pelas mortes dos sem-terra – coronel Mário Colares Pantoja e major José Maria Pereira de Oliveira. Segundo o representante do Ministério Público do Estado do Pará, as informações oficiais sobre o massacre não estão no Estado, e sim em Brasília, pois os réus estão recorrendo do julgamento em instâncias superiores. O único documento que o promotor nos repassou foram as alegações finais do processo.

Não foi possível, da mesma forma, ouvir o lado dos policiais acusados, uma vez que os dois se recusam a falar com a imprensa. Os jornais da época, em especial as edições de *O Liberal*, que poderiam funcionar como registro de época e, também, registro da versão deles sobre os fatos, não puderam ser resgatados. O acervo de periódicos disponível na Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves (FCPTN) está incompleto; a empresa de comunicação não mantém o registro sistemático das edições publicadas. Logo, a pesquisa sobre Oziel e sobre o Massacre está parcialmente completa. O relato do jornalista Edvaldo Mendes, que era correspondente pelo jornal *O Liberal* em Marabá na época do massacre e conheceu os principais envolvidos, acabou por ser a única versão que aponta “o outro lado” da história. Mas, novamente, trata-se de uma fonte secundária.

Com base na dificuldade da pesquisa em campo, optamos por escrever o livro-reportagem tal como Sérgio Rodrigues em *Elza, a garota*. O autor alterna o texto em terceira pessoa, no qual prevalece a apuração e a informação jornalística, com o texto em primeira pessoa, em que narra a história ficcional criada por ele para ilustrar o processo de investigação da vida de Elza Rodrigues – que, na verdade, se chamava Elvira Cupello Calônio. A jovem era amante do secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB) e foi assassinada pelas pessoas que compunham o próprio partido a mando de Luiz Carlos Prestes. Tanto as histórias de vida de Elza quanto de Oziel são confusas, apresentam contradições e versões mal apuradas. Há pouco material sobre os dois, bem como as fontes secundárias são de difícil acesso.

Assim, *Oziel: a história de um massacre* apresenta-se alternada com a experiência pessoal que vivemos durante a concepção da obra. Diferente de Rodrigues, não construímos uma personagem ficcional, mas sim relatamos a própria aventura da reportagem – algo semelhante ao jornalismo gonzo de Hunter S. Thompson, cuja marca é “o envolvimento profundo e pessoal do autor no processo de elaboração da matéria” (PENA, 2006, p. 57).

6 CONSIDERAÇÕES

É ponto pacífico que o jornalismo literário representa uma alternativa de sobrevivência às publicações impressas, já que a internet é capaz de noticiar, em tempo real, as informações mais básicas sobre um determinado acontecimento. É, ainda, uma forma de garantir perenidade aos temas veiculados, considerando a enxurrada de informações com que somos abastecidos todos os dias.

Pode-se afirmar, também, que o gênero amadureceu, desde a sua formalização, na década de 1970, nos Estados Unidos. E conquistou adeptos em todo o mundo. No Brasil, o mercado de livros-reportagem encontra-se plenamente aquecido, seja com traduções de obras clássicas, seja com a produção de novos títulos por autores nacionais.

Em relação a *Oziel: a história de um massacre*, que apresentamos anexo a esta pesquisa, reconhecemos suas falhas. Primeiro em relação ao tempo de apuração. Uma empreitada de fôlego, como a reportagem em livro, requer a dedicação necessária para correr atrás das informações onde elas estiverem. Segundo: exigem, da mesma forma, recursos financeiros que possibilitem o deslocamento do repórter de um ponto a outro do país, bem como arcar com despesas de transporte, alimentação e telefonia, para dizer o mínimo. Logo, desenvolvemos tanto quanto o orçamento permitiu.

Destaco, por fim, a diferença entre o ofício do jornalista e ofício do escritor. As técnicas do *lead* e da pirâmide invertida permitem que o repórter possa escrever uma notícia de forma rápida e precisa, dentro do possível. Já para uma reportagem em profundidade, é preciso encontrar a estratégia certa; tornar o texto atrativo, sedutor; envolver o leitor de tal maneira que ele reconheça no texto mais do que o prazer, uma fruição – tal a concepção de Roland Barthes, para quem o prazer do texto se aproxima do desejo sexual. A tarefa não é fácil, requer um distanciamento da realidade, do objeto de estudo; uma maturação do pensamento para, depois, voltar-se para ele.

A pesquisa não pretende esgotar as discussões sobre jornalismo literário. Pelo contrário, espera-se que seja o pontapé inicial para outros estudos da área. No começo, a busca era por delimitações, por encaixar a problemática dentro de um quadro teórico da comunicação social. Missão cumprida. Em *Oziel*, a busca era pela reportagem perdida, por divulgar aquilo que não foi noticiado por completo. Não sem dificuldade, completamos a tarefa. Agora, a busca é pelo fortalecimento do gênero com o incentivo de reflexões teóricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Maria Lúcia. Gêneros literários. In: SAMUEL, Roger (Org). **Manual de teoria literária**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1984, p. 64 a 89.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 4ª ed. São Paulo: Unesp, 1998.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo**: considerações gerais sobre jornalismo na web. In: Comunicação apresentada no I Congresso Ibérico de Comunicação, Málaga, 2001. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em 31 de outubro de 2011.

CANCLINI, Nestor García. As culturas híbridas em tempos de globalização. In: **Culturas híbridas**. 4ª ed. São Paulo: Edusp, 2003.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**: o relato fiel de um assassinato múltiplo e suas complicações. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Contido a bala**: a vida e a morte de Paulo Fonteles, advogado de posseiros no Sul do Pará. Belém: CEJUP, 1994.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo**: as palavras do media. São Paulo: Verbo, 2001.

CASTRO, Manuel Antônio de. Natureza do fenômeno literário. In: SAMUEL, Roger (Org). **Manual de teoria literária**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1984, p. 30 a 62.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/A comunicação do objeto. In: HOHLFELDT, Antonio, MARTINO, Luiz C. e FRANÇA, Vera Veiga (Organizadores). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001, p. 39 a 60.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**: Explicação das Normas da ABNT. 15ª ed. Porto Alegre, 2011.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 84 a 97.

HOUAISS, Antônio et al. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JORGE, Thaís de Mendonça. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas**. São Paulo, Contexto: 2008.

LAGE, Nilson. O texto da reportagem. In: _____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2ª ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1995.

LIMA, Luiz Costa. A literatura. In: _____. **História, ficção, literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 321 a 386.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 7 a 16.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Jornalismo: o melhor ofício do mundo. In: _____. **Eu não vim fazer um discurso**. Rio de Janeiro: Record, 2011, p. 88 a 100.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário: um gênero em expansão**. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 32, n, 2, p. 199-215, jul./dez. 2009.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2001.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 7ª ed. São Paulo (SP): Cultrix, 1995.

_____. O romance. In: _____. **A criação literária: prosa I**. 15ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 157 a 341.

NAPOMUCEMO, Eric. **O Massacre**. Eldorado dos Carajás: uma história de impunidade. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

NOVAES, Dulcinéia. Da cibercultura ao webjornalismo: algumas reflexões. In: _____. **Perfil do jornalista na cibercultura: desafios do webjornalismo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2007.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **O marido perfeito mora ao lado**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2ª ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

RODRIGUES, Sérgio. **Elza, a garota**: a história da jovem que o partido comunista matou. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 23 a 47.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

SILVERMAN, Malcon. O romance jornalístico. In: _____. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1946, p. 37 a 57.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e os seus efeitos**: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos *media* jornalísticos. Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/texto.php?html2=sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>>. Acesso em 31 de outubro de 2011.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (Organizadores). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 51 a 61.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e delírio em Las Vegas**: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.

VENTURA, Zuenir. **Crime e castigo**: quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VILAS BOAS, Sérgio. **Biografias & biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

_____. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WOLFE, Tom. Do livro *The New Journalism*. In: _____. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. 2ª ed. São Paulo (SP): Companhia das Letras, 2005, p. 7 a 86.